

**O TEMPO NA CURA DO AMOR
EM *REMEDIA AMORIS* DE OVÍDIO**

**THE TIME IN THE CURE OF LOVE
IN OVID'S *REMEDIA AMORIS***

Gabriela Strafacci Orosco*

RESUMO

O artigo aqui apresentado busca observar a presença do tempo no poema *Remedia amoris*, de Ovídio, e a interferência desse elemento na cura do amor infeliz, no excerto que compreende os versos 79-134. Nesses versos ovidianos, a ideia apresentada é a de que o amor recente é mais fácil de curar que o velho amor, mais vigoroso e arraigado no coração do amante. A proposta deste artigo é verificar de que forma o poeta articula o elemento tempo à cura do mal do amor, buscando observar os recursos linguísticos que são utilizados para se referir a tal elemento e os exemplos que funcionam como confirmações dos preceitos enunciados.

Remedia amoris; Ovídio; *erotodidaxis*; amor; tempo.

ABSTRACT

The text presented below intends to observe the presence of time in the Ovid's poem *Remedia amoris*, and the interference of this aspect in the cure of the unhappy love, in the excerpt from

* Doutora em Linguística pelo Instituto da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas. Endereço eletrônico: gabrielas.orosco@gmail.com.

verse 79 to 134. In these ovidian verses, the presented idea is that the recent love is easier to cure than an old love, more vigorous and rooted in the lover's heart. The purpose of this work is to verify how the poet articulates the aspect of time to the cure of love sickness, observing the linguistic resources that are used to refer to such element and the examples that work like statements of the enunciated precepts.

Remedia amoris; Ovid; *erotodidaxis*; love; time.

1. O CONTEÚDO DO EXCERTO

É comum encontrar, como uma espécie de lugar comum, dentro da literatura e até mesmo em outros domínios discursivos, duas imagens associadas ao amor: a do sentimento semelhante a uma doença; e a de que ele aumenta com o passar do tempo – ou seja, quanto mais o tempo passa, maior e mais vigoroso se torna o amor. Na obra elegíaco-didática *Remedia amoris*, do poeta romano Públio Ovídio Nasão (43 a. C – 17 / 18 d. C.), o *magister* ovidiano (ou seja, a figura que, dentro desse gênero, representa o eu poético) propõe ensinar aos seus leitores (ou, *discipuli*, na obra didática) como curar o amor, valendo-se, portanto, em todo o poema, da primeira imagem acima mencionada, ou seja, a de que o amor, por seus sintomas e efeitos, assemelha-se a uma patologia. Interessante é notar que o vate também se vale, em alguns de seus ensinamentos, da segunda imagem aqui referida, a saber, a ideia de que o amor fortalece-se com o tempo. Dessa forma, o *magister* de *Remedia* propõe a cura do amor, justamente por considerar o sentimento uma doença, além de relacionar tal cura à questão do tempo: quanto mais tempo o amante nutre em si o sentimento, mais difícil é de curá-lo, pois mais vigoroso ele se torna. O sentimento, quando mais recente, exige um tratamento que difere daquele o qual se aplica ao amor que por mais tempo perdura no coração. Resulta daí a ideia de que é importante

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

que o tratamento adequado seja dado no tempo também adequado. São, portanto, estabelecidas, em *Remedia*, as seguintes relações entre o amor e o tempo, que pretendemos, neste artigo, analisarmos: 1) quanto mais antigo o sentimento, maior o seu vigor; 2) a depender do estágio em que a doença de amor se encontra, mais ou menos recente, o tratamento deve ser mais incisivo ou mais vagaroso.

É precisamente no excerto de *Remédios para o amor* que vai do verso 79 ao 134 que o *magister* ovidiano relaciona os elementos tempo e cura da doença amorosa, afirmando que há um momento certo para o tratamento do sentimento amoroso, a depender do estágio em que a doença se encontra (mais inicial ou mais avançado). Dessa forma, caso atormente o amante, o tratamento do mal do amor deve ser iniciado logo o início do enlace amoroso. Cabe destacar que esse sentimento, alvo das prescrições do *magister* nessa obra, é aquele que causa infelicidade aos amantes – o amor, como afirmam alguns estudiosos, elegíaco.¹ Ao determinar a relação entre o tempo e a cura do sentimento amoroso, o *magister amoris* afirma que há um momento inicial, quando ainda não se alastrou ou se enraizou o amor, no qual se deve aplicar o tratamento o mais breve possível:

¹ Versos do próprio poema *Remedia amoris* anunciam o alvo dos preceitos de cura amorosa, distinguindo o amor que alegra daquele que faz sofrer: “Se alguém ama porque amar agrada, que, feliz e ardente, /alegrese e navegue com o vento a seu favor; / mas se alguém sofre com as tiranias de uma moça indigna, / que experimente, para não perecer, o poder de nossa técnica.” - *Si quis amat quod amare iuvat, feliciter ardens / gaudeat et vento naviget ille suo; / at si quis male fert indignae regna puellae, / ne pereat, nostrae sentiat artis opem.* (*Rem.*, v. 13-6; cabe ressaltar que todas as traduções para o português dos textos em latim e em inglês aqui mencionadas são de nossa autoria, salvo outra indicação). Alguns estudiosos, conforme mencionado, apontam o caráter elegíaco desse amor, dentre os quais podemos citar: CONTE, G. B. e MOST, G. W. Love without elegy: The *Remedia amoris* and the logic of a genre. In: **Poetics Today**, Vol. 10, No. 3 (Autumn, 1989), p. 441-469 e HOLZBERG, Niklas. Ovid: **the poet and his work**, translated from the German by G. M. Goshgarian, Ithaca and London: Cornell University Press, 2002.

Gabriela Strafacci Orosco

*Dum licet et modici tangunt praecordia motus,
si piget, in primo limine siste pedem:
opprime, dum nova sunt, subiti mala semina morbi (Rem., v. 79- 81)*
Enquanto é possível, e as emoções te tocam moderadas o peito, se
for para ti desagradável, interrompe teu passo na entrada: oprime,
enquanto estão novas, as sementes danosas do súbito mal

O preceito apresentado nos versos acima referidos contém duas metáforas que explicam a temática presente no trecho (a saber, a do sentimento amoroso que cresce com o tempo): o amor é representado como uma jornada, que deve ser interrompida logo em seu introito (*in primo limine siste pedem*, v. 80), e como uma semente (*subiti mala semina morbi*, v. 81), que se enraíza conforme cresce o sentimento, tornando-o mais forte:

*Interea tacitae serpunt in viscera flammae
et mala radices altius arbor agit. (Rem., v. 105-6).*

Enquanto isso, silenciosas, as chamas infiltram-se no coração
e a erva daninha lança sua raízes mais fundo.

Se, no entanto, o auxílio não chega nesse preciso espaço de tempo, ou seja, se não houve cura para os primeiros e comedidos sinais do sentimento, mais esforço é necessário para sanar o mal de um amor mais antigo, pois, como já referido anteriormente, o tempo torna mais vigoroso o sentimento:

*Si tamen auxilii perierunt tempora primi
et vetus in capto pectore sedit amor,
maius opus superest; sed non, quia serior aegro
advocor, ille mihi destituendus erit. (Rem., v. 107-10)*

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

Se, contudo, se perde o momento do primeiro auxílio,
e o velho amor se alojar no coração capturado,
seria necessário maior empenho; mas não é porque sou chamado
tarde junto ao doente que ele será por mim abandonado.

O *magister* ovidiano afirma que seu papel de médico (o que oferece técnicas de cura aos que sofrem de amor)² é oportuno para ambos os tempos da doença, o inicial (e, portanto, mais tênue) e o mais avançado (e, portanto, mais vigoroso e de difícil cura, por ser um sentimento que já se alojou (*sedit*, v. 108)³ no coração do doente). Em cada um desses tempos, informam-nos tais preceitos, o tratamento se difere, mas os dois estágios são passíveis de cura.

Expressamos, até então, de forma resumida, o conteúdo do excerto que escolhemos analisar: se a doença do amor encontra-se em estágio inicial, o tratamento deve ser aplicado o mais breve possível; caso se trate de um amor antigo, que há tempos habita o coração do amante, a cura então deve ser mais vagarosa. Discutiremos, a seguir, alguns aspectos estruturais da obra e a função do referido trecho dentro do poema.

² Conforme o próprio eu poético afirma: “Nosso justo objetivo é apagar as chamas cruéis / e não ter, escravo do su mal, o coração.” – *Utile propositum est saevas extinguere flamas / nec servum vitii pectus habere sui.* (*Rem.*, v. 53-4). Mais adiante ele afirma que tais “chamas cruéis” são extintas com técnicas diversas de cura: “De fato, visto que variam os sentimentos, vario as técnicas; / milhares são as formas da doença, milhares serão as curas.” – *Nam quoniam variant animi, variabimus artes; / mille mali species, mille salustis erunt.* (*Rem.*, v. 525-6).

³ O verbo *sedeo* (sentido 1. sentar; sentido 2. empoleirar-se, fixar-se, **Oxford Latin Dictionary**, verbete “*sedeo*”) é recorrente em *Remedia amoris* para descrever o sentimento que se enraíza no peito daquele que ama. Os versos citados a seguir pertencem a um trecho que versa sobre o momento em que Ulisses abandona Circe e o referido verbo é usado para caracterizar o amor sentido pela feiticeira: “(...) fizeste de tudo para que a chama feroz não te abrasasse: / mas o amor **alojou-se** amplo em seu coração contra a sua vontade.” – *omnia fecisti, ne te ferus ureret ignis: / longus et invito pectore sedit amor* (*Rem.*, v. 267-8).

Caterina Lazzarini e A. A. R. Henderson,⁴ comentadores e tradutores de *Remedia amoris*, descrevem a estrutura do poema compreendendo-o como um discurso composto através de mecanismos retóricos, dentre os quais se distinguem o *prooemio* (v. 1-78), a *tractatio* (v. 78-810, incluindo o *excursus*, v. 361-96) e, por fim, o *epílogo* (v. 811-14).⁵ No *proemio*, ou prefácio da obra, há o diálogo entre o vate e o Cupido (v. 1-40) e, posteriormente, a matéria que será ensinada e o leitor a quem tal poema se destina (v. 41-74). A *tractatio*, que compõe a maior parte da obra, tem estrutura equivalente a uma prescrição médica e relaciona, como já mencionamos, a cura da doença com o transcorrer do tempo, recomendando, aos estágios iniciais da doença amorosa, um tratamento imediato, e aos estágios mais avançados, um mais vagaroso.

É na *Tractatio* que se recorre ao uso da tática persuasiva observada por David Jones⁶ na poesia didática ovidiana, que faz uso da união de *enjoinders* e *arguments* (ou seja, verbos no imperativo, representado a prescrição para a cura, e os argumentos que sustentam tais admoestações).⁷ O *epílogo* encerra e conclui o poema.

Também no excerto da *Tractatio*, o *magister*-médico ovidiano apresenta um elenco de ações que consistem em procedimentos da medicina antiga, agrupados em três categorias:⁸ a cirúrgica, intervenção necessária para

⁴ OVIDIO, *Rimedi contro l'amore*, a cura di Caterina Lazzarini con un saggio de Gian Biagio Conte, Venezia: Marsilio Editori, 1992 e NASONIS, P. Ovidi. *Remedia amoris*, edited with introduction and commentary by A. A. R. Henderson, Edinburgh: Scottish Academic Press, 1979.

⁵ A divisão do poema ovidiano em partes estruturais, assemelhando-se ao discurso retórico, é descrita por JONES, David. *Enjoinder and argument in Ovid's Remedia amoris*, Stuttgart: Steiner, 1997; HENDERSON, A. A. R. (1979) e LAZZARINI, Caterina (1986).

⁶ D. Jones, *op. cit.*, p. 11.

⁷ D. Jones, *loc. cit.*

⁸ Cf. Henderson, *op. cit.*, p. 49-50.

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

combater o mal em seu princípio (v. 79-114); a dietética, referente à dieta prescrita para auxiliar a cura (v. 795 ss.)⁹ e, finalmente, a farmacológica, etapa mencionada em versos espalhados pelo poema e na qual alguns medicamentos são rescritos.¹⁰ O trecho aqui discutido refere-se à parte cirúrgica do tratamento que consiste em remover a parte infectada.¹¹

Comentamos, até o momento, portanto, os aspectos temáticos, relativos ao conteúdo do trecho analisado, e também os aspectos estruturais do poema como um todo e, especificamente, do excerto que escolhemos observar, descrevendo uma possível forma de distinguir elementos retóricos que compõem a obra. Passaremos, então, à análise do trecho, buscando verificar de que forma os aspectos temporais são mencionados como relevantes para a terapêutica proposta nesses versos ovidianos.

2. A ANÁLISE DO EXCERTO

Os primeiros versos do excerto analisado (v. 79-81, acima citados) já trazem à baila a ideia de que, no início, devido à pouca força do sentimento, deve-se já haver a intervenção médica para sanar o mal. Para expressar tal noção, o *magister* utiliza termos como *dum* (v. 79), que explicitamente

⁹ “Eis que, para exercer bem a medicina, te darei conselhos sobre tudo, / até mesmo sobre quais alimentos consumir e quais evitar.” – *Ecce, cibos etiam, medicinae fungar ut omni / munere, quos fugias quosque sequare, dabo.* (*Rem.*, v. 795-6).

¹⁰ “Alguns corpos são curados, a custo, com uma faca afiada; / para muitos, o remédio era uma seiva ou uma erva.” – *Corpora uix ferro quaedam sanatur acuto; / auxilium multis sucus et herba fuit.* (*Rem.*, v. 527-8).

¹¹ “A desejável abordagem da doença do amor, se for descoberta a tempo (cf. 79 *modici motus*, 81 *nova semina*, 115 *nascentis morbos*), é essencialmente cirúrgica, falando metaforicamente: a parte infectada deve ser removida antes que os ‘germes’ se espalhem pelo corpo (...).” – *The desiderated approach to the disease of love, if it is discovered early enough* (cf. 79 *modici motus*, 81 *nova semina*, 115 *nascentis morbos*) is essentially surgical, metaphorically speaking: the infected part should be removed before the ‘germs’ spread through the body (...). (HENDERSON, 1979, p. 50).

Hend
a me
sobre
cibos
quosq
são c
o ren
quae
fuit. (
do ar
81 nc
cirúrg
ser r
corpc
love,
81 n
surgi
be re
(HEN

relacionam-se com o passar do tempo, e também como *nova... semina* (v. 81), que contém, ainda que não tão explicitamente, a noção de tempo, uma vez que semente nova representa o início de um processo, que tem continuidade com o crescimento da planta, processo esse que se dá com a passagem do tempo. Ainda sobre termos que revelam marcas temporais, encontramos a expressão *in primo* (v. 80) significando “no início”, uma das etapas de um processo, cujo desenvolvimento dar-se-á, também, com a passagem do tempo.

Parece-nos interessante, também, a semelhança entre os sons das expressões *in primo* (v. 80) e *oprime* (v. 81): a sonoridade dos elementos centrais (-*prim*-) de ambas as expressões é idêntica e acarreta uma repetição de sons consonantais, ou seja, uma aliteração em *p*, em *r* e em *m*. Tal aliteração poderia ser interpretada como uma representação da interrupção brusca do mal, proposta nesses versos: como sons consonantais, necessitam da obstrução de algum órgão do aparelho fonador para que ocorram, e a pronúncia desses sons poderia nos remeter ao desejável rompimento do(a) jovem infeliz com o sentimento nefasto – um rompimento, reiteramos, que deve ser brusco, para sanar o amor antes que o tempo o transforme em um sentimento mais resistente à cura.

Henderson (1979) comenta, ainda sobre o mesmo trecho, que o pensamento aí presente pode ser encontrado também em Cícero, no excerto a seguir citado:

*omne malum nascens facile opprimitur, inveteratum
fit plerumque robustius. (Filípicas 5.31).*

Todo mal, ao nascer, é facilmente combatido; amadurece
e, na maioria das vezes, torna-se mais forte.

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

No texto de Cícero, encontra-se, pois, a afirmação proverbial de que um mal, qualquer que seja, é mais facilmente extinto (*opprimitur*) assim que nasce (*nascens*), ganhando vigor com o passar do tempo – tornando-se, assim, mais resistente à cura. Henderson (1979) menciona ainda versos de Lucrécio, em seu *De rerum natura*, nos quais a imagem do desejo sexual é representada pelo termo *germina* (IV. 1083), apoiando-se, portanto, na mesma percepção presente, como foi demonstrado acima, em Ovídio e em Cícero, de que um mal tem seu princípio semelhante a um broto, mais frágil, que cresce e torna-se cada vez mais vigoroso.

Observando o poema ovidiano *Remedia amoris*, encontramos, no verso 82 um sentido que corrobora o dos versos anteriores: o *magister* aconselha o seu *discipulus* a deter seu cavalo já logo no início: “e que teu cavalo, já no princípio, se recuse a avançar” – *et tuus incipiens ire resistat equus*. Imaginemos a cena proposta por esse pentâmetro: o amante, montado em seu cavalo, inicia sua jornada amorosa; o poetamédico aconselha-o a deter-se já nesse início. Henderson (1979) aponta, também, para uma interessante interpretação desse excerto: o cavalo representaria uma ‘infecção galopante’ – ideia que é reforçada pelos dáctilos que se sucedem sem interrupção, num ritmo constante, emulando o galope do animal. Temos, dessa forma, no v. 82, uma segunda imagem que reforça o preceito transmitido: o tempo fortalece o sentimento amoroso e dificulta a cura desse mal.

Após introduzir a noção de que o amor cresce com o tempo e de que o estágio inicial da doença exige que se inicie o tratamento o mais rápido possível (v. 79-82), o *magister* reforça sua ação didática através dos versos abaixo:

*Nam mora dat vires: teneras mora percoquit uvas
et validas segetes, quae fuit herba, facit. (Rem., v. 83-4)*

Gabriela Strafacci Orosco

Pois a demora fortalece: a demora amadurece as tenras uvas
e transforma em robustas colheitas o que era relva.

Sobre o dístico supracitado, Henderson (1979) destaca a noção de passagem do ‘tempo’, mais especificamente, do atraso e da demora, presente em *mora* (v. 83); é ainda relevante apontar os dois versos acima como o início de uma lista de elementos, imagens, exemplos trazidos para corroborar seu preceito de que o amor “encontra alimento na demora”, ou seja, de que quanto mais o tempo se estende, maior se torna o amor no coração do amante.¹² Tal lista estende-se pelos seguintes versos:

*Quae praebet latas arbor spatiantibus umbras,
quo posita est primum tempore, virga fuit;
tum poterat manibus summa tellure revelli;
nunc stat in immensum viribus aucta suis. (Rem., v. 85-8)*

A árvore que oferece largas sombras aos passantes,
no início, quando foi plantada, era um broto;¹³
podia-se, então, arrancar da superfície da terra com as mãos;
agora, ergue-se na imensidão, imponente, com suas próprias forças.

O elenco de elementos mencionados cumpre a função didática de ilustrar o preceito desenvolvido nesse excerto: as ‘tenras uvas’ (*teneras uvas*, v. 83); o grão que é relva no início e torna-se robusto com o passar do tempo (*segestes quae fuit herba*, v. 84); a árvore que oferece a sombra (*praebet... arbor... umbras*, v. 85), era broto (*virga*, v. 86) no início, quando podia ser arrancada com as mãos (v. 86-7), e é imensa, imponente agora (v. 88). São

¹² Todo amor engana e encontra alimento na demora – *Verba dat omnis amor reperitque alimenta morando (Rem., v. 95)*.

¹³ A ideia expressa no dístico 85-6 (da árvore que se fortalece na medida em que cresce) aparece também em *Ars*, II. 342.

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

exemplos de seres que cresceram e que ganharam força com o tempo, tal qual ocorre com o sentimento amoroso. Após citar tais *exempla*, o *magister* retoma o referido preceito:

*Principiis obsta: sero medicina paratur,
cum mala per longas convaluere moras.* (Rem., v. 91-2)

Resiste no início: o remédio é preparado **tarde**,
quando o mal se fortaleceu com o **longo tempo**.

É, portanto, segundo tais versos, vital que o amante trate de curar o sentimento recentemente adquirido o mais rápido possível, a fim de evitar que se alastre e se enraíze com o tempo. Alguns aspectos notáveis do dístico incluem a repetição da palavra *mora* (v. 92),¹⁴ reforçada por *sero* (“tarde”, v. 91). Ambos os vocábulos acompanham a ideia que representa o cerne do preceito oferecido por este trecho – o amor mais “jovem” deve ser rapidamente tratado¹⁵ – manifestado aqui sob a forma de uma expressão imperativa: “Resiste no início” – *Principiis obsta* (v. 90). A presença do termo *medicina* (“remédio”, v. 91) incorpora-se à noção que permeia todo o poema (e não somente o trecho aqui discutido): o amor é um mal (*mala*, v. 92) que deve ser combatido, através de tratamentos adequados, aplicados nos momentos certos, que são ensinados pelo *magister* ovidiano de *Remedia amoris*.

¹⁴ Parece-nos interessante apontar que o termo *mora* (cujo significado, segundo o **Oxford Latin Dictionary**, seria atraso, lapso de tempo, intervalo de tempo) tem uma recorrente presença no trecho observado neste artigo, sendo encontrado nos versos 83 (... *mora dat vires: teneras mora...*), 92 (...*convaluere moras*), 95 (... *amor... alimenta morando*) e 102 (*longae... morae*), reafirmando a relevância do aspecto temporal (representado pela noção de “demora” expressa pelo termo) na cura do mal do amor.

¹⁵ Principalmente nos v. 79-80, 83, e 95, mas também por todo o trecho compreendido entre os versos 79-106.

Gabriela Strafacci Orosco

Mais adiante, no trecho que compreende os versos 93-6, também é possível observar novas menções à passagem do tempo e sua relação com o fortalecimento do sentimento amoroso:

*Sed propoera nec te venturas differ in horas:
qui non est hodie, cras minus aptur erit.
Verba dat omnis amor reperitque alimenta morando;
optima vindictae proxima quaeque dies. (Rem., v. 93-6)*

Apressa-te, porém, e não deixes para depois:
quem não está pronto hoje, amanhã estará menos ainda.
Todo amor engana e encontra alimento na demora;
o melhor dia para a libertação é o que se avizinha.

Novamente, após elencar elementos cujas funções didáticas consistem em ilustrar o conteúdo expresso pelo ensinamento apresentado acima (v. 79-84), o preceito em questão é repetido (v. 95). Os advérbios *hodie* e *cras* (v. 94) aparecem associados à noção de que o amante não se tornará mais preparado amanhã para deter o sentimento, então deve, apressadamente, fazê-lo, já que se trata de um amor recente, e não procrastinar a decisão de investir na cura desse mal. Afinal, o amor alimenta-se com a demora (v. 95).¹⁶

O *magister* segue elencando outras imagens que reforçam essa relação do sentimento amoroso com o tempo, conforme se pode ver no trecho a seguir:

¹⁶ Não são, no entanto, exclusivas de *Remedia amoris* as noções expressas nos versos supracitados. Henderson (1979) nos aponta, também, a presença de um intertexto deste excerto com a *Ars amatoria* (III. 752) e ainda com Propércio (III. 21.4).

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

*Flumina pauca vides de magnis fontibus orta;
plurima collectis multiplicantur aquis.
Si cito sensisses quantum peccare parares,
non tegetes vultus cortice, Myrrha, tuos. (Rem., v. 97-100)*

Vês poucos riachos surgindo das enormes fontes;¹⁷
a maioria se multiplica com as volumosas águas.
Se tivesses percebido de pronto tamanho erro que cometerias,
não terias coberto com cortiça, Mirra, teu rosto.¹⁸

Um desses elementos, que têm como objetivo reafirmar o preceito transmitido, é mais uma imagem adequada à lista de seres que sofrem influência do tempo: os riachos que aumentam seu volume conforme seguem seu curso, tal qual o tempo (v. 97-8). O outro elemento persuasivo do qual se vale o *magister* encontra-se no dístico 99-100, que apresenta outro mito a ser utilizado como *exemplum* nesse trecho de *Remedia*. Trata-se do mito de Mirra, a princesa filha de Ciniras, que, na versão de Ovídio (*Metamorfoses*, X. 300), apaixona-se pelo próprio pai e tem com ele relações incestuosas, sem que ele saiba que se trata de sua própria filha, feito garantido pelo ardil da ama da moça. Ao descobrir, o pai persegue a filha tentando matá-la e a piedade dos deuses transformam-na em uma árvore – por isso a menção do verso à cortiça.

¹⁷ Lazzarini (*op. cit.*, p. 135) indica que os dísticos 97-8, 99-100 e 101-2 representam três tipos de *exempla* frequentemente utilizados em contextos didáticos: respectivamente, os que se referem ao mundo natural, ao mundo mítico e à experiência pessoal do eu poético..

¹⁸ O mito de Mirra narra a história de uma jovem que se apaixonou pelo seu próprio pai, o rei Ciniras, e, após consumir esse amor com a ajuda de sua aia, foi vítima da ira do pai, que a perseguiu na tentativa de assassiná-la. Os deuses, para salvá-la, transformam-na em árvore – por isso a menção à cortiça que ocorre no v. 100. Esse mito é narrado também nas *Metamorfoses* de Ovídio (X. 298-502) e a relação entre as duas passagens foi observada em nossa dissertação de mestrado (OROSCO, G. S. **Metamorfoses de Venus na poesia de Ovídio**. 2011. 195 p. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011).

Num procedimento comum na poesia didática, o mito é usado para ilustrar determinado ensinamento, ou, conforme apontou Fritz Graf,¹⁹ narrativas míticas são utilizadas como “armas retóricas” em gêneros que visam à persuasão, como é o caso da poesia didática. Em *Remedia*, o *magister* ovidiano constantemente menciona personagens de mitos que sofreram com desventuras amorosas e que não teriam sofrido caso tivessem se entregado a seus cuidados. Tal é o caso nesse trecho: se tivesse seguido o conselho dado pelo poeta (médico e professor), Mirra não teria tido o fim que teve. O trecho seguinte (v. 101-6) encerra, por assim dizer, a primeira parte do excerto:

*Vidi ego, quod fuerat primo sanabile, vulnus
dilatatum longae damna tulisse morae.
Sed, quia delectat Veneris decerpere fructum,
dicimus adsidue “Cras quoque fiet idem”.
Interea tacitae serpunt in viscera flammae
et mala radices altius arbor agit. (Rem., v. 101-106)*

Eu mesmo vi **feridas**, que de início teriam sido sanáveis,
serem aumentadas pelos **danos** trazidos pela longa **demora**.
No entanto, por ser um prazer colher o fruto de Vênus,
dizemos sempre: “Amanhã, se o fizer, será a mesma coisa”.
Enquanto isso, silenciosas, as chamas infiltram-se no coração
e a erva daninha lança suas raízes mais fundo.

O excerto conclui a explanação do preceito transmitido: se o sentimento é novo e, portanto, moderado, deve ser tratado o quanto antes. É, no entanto,

¹⁹ GRAF, F. Myth in Ovid. *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 108-21.

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris...*

o fato de gostarmos do fruto de Vênus (v. 103), diz o vate, que nos faz adiar o tratamento – e a consequência é que se enraíza o amor no coração. As palavras *uulnus* (v. 101) e *damna* (v. 102) reafirmam a comparação do amor com uma doença; *chamas* (*flammae*, v. 105) e ervas-daninhas (a tradução atribuída à expressão *mala radices*, v. 106) são as outras metáforas para o sentimento amoroso presentes no excerto.

A passagem do tempo, a qual se deve evitar na situação aqui definida, é representada pela expressão *longae morae* (v. 102) e pelo termo *cras* (v. 104), enfatizando a noção de procrastinação da cura, que permeia todo esse longo trecho, e que pode prejudicar, por assim dizer, o tratamento.

Observa-se, no tema que permeia o trecho aqui abordado, uma nítida separação: até o verso 106, o alvo da cura é o doente recentemente atingido pelo mal do amor; a partir do verso 107, a prescrição do vate, ainda relacionando-se ao tempo, assume outra direção, considerando que a doença poderia estar em um estágio mais avançado e avassalador que o de seu início (o início das emoções moderadas). Destarte, o trecho que compreende os versos 107-110 (supracitados) marca a presença de um novo tratamento, de admoestações e preceitos dirigidos ao doente que há muito tempo sofre com o sentimento.

Assim, nessa segunda etapa do tratamento, o amante já se encontra assolado pelo mal do amor. O tempo do tratamento inicial, portanto, já passou, e a cura exigirá diferentes esforços do médico para ser efetiva (v. 109). Além de nos remeter especificamente à cura do sentimento amoroso e em meio a um universo temático e lexical relacionado à medicina e a elementos da natureza, o verso 108, acima mencionado, carrega, conforme Henderson (1979) nos mostra, ecos da poesia épica, ao mencionar a metáfora da conquista de uma cidade para referir-se ao coração do amante, capturado

(*capto*, v. 108) e ocupado (*sedat*, v. 108). Na guerra, a conquista dá-se através dos feitos do soldado; o soldado, na elegia erótica romana, é aquele que carrega o estandarte do Cupido, o deus do amor. A presença dessa temática, aparentemente destacada do contexto que relaciona a cura do amor ao tempo, é, na verdade, uma referência a um importante *topos* que nos remete ao gênero elegíaco, a saber, o *topos* da *militia amoris*.²⁰ Na milícia amorosa, o soldado é quem tem cativo o seu peito; é dele o coração que se assemelha a uma cidade conquistada.

O coração cativo do amante, onde já se alastrou o sentimento amoroso, exige o uso de outras intervenções curativas (v. 109), diferentes das que vinham, até o momento, sendo recomendadas. O *magister* de *Remedia* afirma, no entanto, que mesmo prescindindo dos seus conselhos nos estágios iniciais da doença, o doente (*aegro*, v. 109) não prescindirá de sua ajuda, ainda que ela venha mais tarde (*senior*, v. 109) do que deveria.

Ao *exemplum* mítico mencionado até o momento, a saber, o que nos remete ao mito de Mirra (v. 99-100), soma-se o mito de Filoctetes, filho de Peante, narrativa presente na *Odisseia* e na *Ilíada*, de Homero, e na tragédia homônima, de Sófocles, além de no próprio Ovídio, que narra o mito desse herói e ainda o menciona em alguns trechos em sua obra *Metamorfoses*.²¹ Em *Remedia*, assim são os versos que mencionam o herói:

*Quam laesus fuerat, partem Poeantius heros
certa debuerat praesequisse manu;
post tamen hic multos sanatus creditur annos
supremam bellis imposuisse manum. (Rem., 110-4).*

²⁰ A *militia amoris* é um recurso que está presente também em outras obras ovidianas, por exemplo, em *Amores*, l. 1 e l. 9.

²¹ Nas *Metamorfoses*, Filoctetes é mencionado em diversos excertos, por exemplo, em: IX. 233; XIII. 45- 6.

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

Na parte em que foi ferido, o herói, filho de Peante,
devia ter cortado seu membro com a mão certa;
acredita-se que ele, curado depois de muitos anos,
o golpe final da guerra teria desferido.²²

Sobre a menção a Filoctetes, alguns apontamentos, relevantes para a análise aqui apresentada, podem ser feitos. Em uma das versões do mito, o herói teria sido ferido no pé por ter traído um juramento feito a Hércules. A ferida infectou e, porque ela exalava um odor insuportável, o herói foi abandonado em Lemnos, onde permaneceu por dez anos até ser curado. A comparação aqui é clara: a ferida de Filoctetes, até ser curada, conservou-se no membro do herói por longo tempo;²³ o mesmo procedimento é sugerido aos que cultivam o sentimento para além do período da fase mais inicial da doença, conforme nos confirma o dístico seguinte:

*Qui modo nascentis properabam pellere morbos,
admoveo tardam nunc tibi lentus opem. (Rem., 115-6)*

Há pouco eu, apressado, agia para expulsar a doença que nascia,
agora, com calma, prescrevo-te um lento tratamento.

Dessa forma, para os que carregam o amor há muito tempo, o tratamento deve diferir da intervenção imediata recomendada nos versos anteriores (v. 115); deve, agora, a exemplo da cura em Filoctetes, demorar-

²² Filoctetes teria emprestado as armas de Hércules para ajudar os gregos a tomarem Troia.

²³ O próprio Ulisses voltou para resgatar Filoctetes após esse tempo, para que o herói ferido ajudasse a vencer a guerra. O médico Podalírio (ou Macáon) tratou a ferida através de um procedimento cirúrgico, lavando a chaga com vinho e cortando os tecidos mortos. Assim, Filoctetes teria sido o primeiro paciente a ser submetido à cirurgia com anestesia (Grimal, *op. cit.*, verbete Filoctetes). Tal narrativa mítica aparece em Homero (*Il.*, II. 716 ss.; *Od.*, III. 190) e é mencionada como *exemplum* em Propércio (II. 1.59). Cf. Henderson, *op. cit.*, p. 55.

se (*tardam*, v. 116), deixar que a ferida se alastre e só então intervir com o tratamento. A cura deve vir, portanto, em um longo tratamento (*lentus opem*, v. 116); novamente, então, o tempo é um elemento-chave para a cura das feridas de amor.

Além da relevância do tempo, parece-nos interessante apontar a semelhança entre as situações nas quais ambas as feridas, a da guerra, representada por Filoctetes, e a de amor, representada aqui pelo próprio amante-discípulo (papel que Mirra deveria ter assumido), são criadas: em uma das versões do mito de Filoctetes, o que o fere é uma seta de Hércules que estava envenenada; a ferida que é usada como metáfora para o sentimento amoroso (não só em Ovídio, como também em outros poetas) também é causada por outra flecha, a do deus *Amor*. O ferimento feito com flecha ainda poderia evocar o episódio mítico em que Vênus é ferida nas mãos ao tentar salvar seu filho da morte, durante a guerra de Tróia. Diomedes, o herói que fere a deusa do amor (mesma arma, mesma consequência) é ainda o que acompanha Ulisses na busca por Filoctetes em Lemnos, após dez anos de abandono do herói na ilha.

Enfim, tais aspectos em comum, que acabam por relacionar essas histórias míticas mencionadas por Ovídio como *exempla*, revelam possíveis intertextos que aludem à presença de outros gêneros na poesia didática ovidiana (como a menção à guerra pode aludir à épica; ou o sofrimento amoroso alude ao amante tipicamente elegíaco) e ainda funcionam, conforme mencionado acima, como recursos que em Homero (Il., II. 716 ss.; Od., III. 190) e é mencionada como exemplum em Propércio (II. 1.59). Cf. Henderson, op. cit., p. 55. contribuem para a persuasão do leitor-discípulo (e, ainda,

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

nesse caso, paciente), um dos objetivos (talvez, o principal deles) do gênero didático.²⁴

Os recursos persuasivos utilizados nessa segunda parte do ensinamento muito se espelham nos recursos dos quais se vale o *magister* na primeira parte. De fato, como expusemos acima, o excerto que relaciona o tempo com a cura do mal do amor tem duas partes nitidamente separadas: a primeira (v. 79-106) dirige-se aos que recentemente adquiriram a doença; a segunda (v.107-134), preceitua sobre o tratamento que chega tardiamente e que, portanto, recai sobre aquela que há tempos sofre de amor. Na primeira parte, vemos que o preceito é introduzido e, posteriormente, os versos seguintes exercem a função de *exempla*, cujo objetivo é atestar a veracidade e a eficácia dos conselhos do poeta-*magister*, após a lista de exemplos didáticos e persuasivos, o preceito em questão é retomado.

Na segunda parte, observamos uma composição semelhante: após o excerto em que o preceito é apresentado (v. 107-10), um *exemplum* é evocado para reafirmar o conselho dado (v. 111-4). O exemplo mencionado no excerto é do mito sobre a ferida de Filoctetes, conforme referimos anteriormente. Nos versos seguintes, encontramos uma nova lista de elementos, os quais também pertencem à natureza, além da retomada da conduta que há pouco ocupava o discurso didático:

*Qui modo nascentis properabam pellere morbos,
admoveo tardam nunc tibi lentus opem.
Aut nova, si possis, sedare incendia temptes
aut ubi per vires procubuere suas.*

²⁴ Para a caracterização do gênero didático, cf.: TREVIZAM, Matheus. **Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrecio**. Campinas, SP – Editora da Unicamp, 2014 e GALE, Monica. Didatic epic. In: HARRISON, S. (ed.). **A Companion to Latin Literature**, Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

Gabriela Strafacci Orosco

*Dum furor in cursu est, currenti cede furori:
difficiles aditus impetus omnis habet.
Stultus, ab obliquo, qui, cum descendere possit,
pugnat in adversas ire natator aquas. (Rem., v. 115-22)*

Há pouco eu, apressado, agia para expulsar a doença que nascia,
agora, com calma, prescrevo-te um lento tratamento.
Tentas, se puderes, aplacar o fogo, ou quando recente
ou quando, por sua própria voracidade, ele se amainou.
Quando, feroz, a paixão arrebatava, deixa que se espalhe ferozmente:
todo ímpeto tem uma chegada dolorosa.
É tolo o nadador que, podendo descer de esguelha,
insiste em ir contra a correnteza.

Assim, além da menção a uma narrativa mítica em ambos os trechos (Mirra no primeiro; Filoctetes no segundo), as metáforas aqui usadas novamente, como ocorre na primeira parte, pertencem ao universo temático da natureza: o amor é comparado a uma chama, que se alastra rapidamente, e deve-se esperar que ela se amaine para tentar extingui-la (v. 117-120);²⁵ o rio novamente serve como metáfora para o sentimento amoroso (v. 121-2). As imagens aqui usadas, aliás, representam a força arrebatadora do amor, e a necessidade de aguardar esse impacto inicial para que a cura ocorra no tempo certo.

O tempo aparece, então, representado aqui como um elemento crucial para a arte da medicina:

²⁵ O fogo (*incendia*, v. 117) e a loucura (*furori*, v. 119) são imagens constantemente utilizadas para representar o amor, não somente em Ovídio como em outros poetas (p. ex., em Lucrecio, IV. 1069).

O tempo na cura do amor em *Remedia amoris*...

*Temporis ars medicina fere est: data tempore prosunt
et data non apto tempore vina nocent.
Quin etiam accendas vitia inritesque vetando,
temporibus si non adgrediare suis. (Rem., v. 131-4)*

A medicina é quase como a arte do tempo: o vinho, dado no tempo certo,
é útil, e dado no tempo errado, é nocivo.

Mais que isso, acenderias os vícios e, proibindo-os, os estimularias
se não os combatesses no tempo adequado.

A medicina é, então, finalmente, definida como a arte do tempo:²⁶ cada tratamento dever ser aplicado levando-se em consideração a influência do tempo sobre o mal que arrebatava o doente. O tempo é, portanto, nesse excerto de *Remedia amoris*, o limite entre a cura e o veneno.

O aspecto temporal é, em suma, um elemento fundamental no tratamento do mal do amor em *Remedia amoris*, seja na imediata intervenção, seja na possibilidade de se respeitar o momento certo para conter o alastrar da ferida. Nosso objetivo, neste artigo, foi observar não só o léxico que se relaciona com a temática da influência do tempo no tratamento da doença amorosa, como também os *exempla* dos quais se vale o *magister* ovidiano para a persuasão do leitor. A busca pela identificação e análise dos aspectos semânticos e lexicais presentes no excerto nos levam à caracterização da forma como a temática do tempo aparece em *Remedia amoris*: como um

²⁶ Sobre a relação da medicina com o tempo, cf. *Ars*, l. 357. Henderson (*op. cit.*, p. 57) afirma que a noção de que o tempo de evolução da doença é relevante para determinar o melhor tratamento é uma noção antiga: “O doutrinário senso comum de que a cura deve se adequar à condição, que o que é benéfico em um momento é deletério em outro, é tão velha quanto a própria ciência médica” – *The commonsensical doctrine that the cure must fit the condition, that what is beneficial at one time is deleterious at another, is as old as medical Science itself*. Cf. Hipócrates, *Praec. I, Aphor. I. 1, Acut.*, 20.

elemento relevante para a cura de um sentimento que se enraíza e se torna mais vigoroso à medida que cresce, sendo, portanto, mais difícil de tratar.

BIBLIOGRAFIA

- CONTE, G. B.; MOST, G. W. Love without elegy: The *Remedia amoris* and the logic of a genre, **Poetics Today**, Vol. 10, n. 3 (Autumn, 1989), p. 441-469.
- GALE, M. Didactic epic. In: HARRISON, S. (ed.). **A Companion to Latin Literature**, Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- GLARE, P. W. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon, 1969.
- GRAF, F. Myth in Ovid. **The Cambridge Companion to Ovid**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 108-21.
- HOLZBERG, N. **Ovid: the poet and his work**, translated from the German by G. M. Goshgarian, Ithaca and London: Cornell University Press, 2002.
- JONES, D. **Enjoinder and argument in Ovid's *Remedia amoris***, Stuttgart: Steiner, 1997.
- NASONIS, P. Ovidi. ***Remedia amoris***, edited with introduction and commentary by A. A. R. Henderson, Edinburgh: Scottish Academic Press, 1979.
- OVIDIO, **Rimedi contro l'amore**, a cura di Caterina Lazzarini con un saggio de Gian Biagio Conte, Venezia: Marsilio Editori, 1992.
- TREVIZAM, M. **Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio**. Campinas, SP – Editora da Unicamp, 2014.